

O NORTE DO DISTRITO

QUINZENÁRIO NACIONALISTA

— Defensor dos interesses dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria —



Avença

Proprietário: Dr. Ernesto Lacerda

Director e Editor: Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado

Chefe da Redacção: A. Paula Santos

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: AV. PADRE DIOGO VASCONCELOS — FIGUEIRÓ DOS VINHOS — COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS — CASTANHEIRA DE PÊRA — TELEFONE 16

Política e politiquice

Reza a tradição que os portugueses tiveram sempre a pecha da politicomania.

Dizemos pecha porque, sendo a política uma das «ciências chamadas do Homem: ciências que tendem a confundir-se com artes», somos forçados a concluir que uma enormíssima percentagem de portugueses é de cientistas, ou artistas.

Provado, como está, que, pelo contrário e ainda que muito nos custe, poucos são os cientistas, ou artistas, em relação aos nove milhões existentes, imediatamente deduzimos que aquela monomania não ataca apenas os indivíduos com as precisas aptidões para políticos, mas ainda — e numa larga escala — todos quantos, por simples entretenimento, chiquismo ou oportunismo, pretendem fazer e desfazer regimes, erguer ou arrear dos pedestais da governação os homens seus conhecidos ou desconhecidos, amigos ou inimigos.

É ouvir por esse País além o discorrer desses *políticos* que resolvem com a maior facilidade e rapidez os mais complexos problemas da administração pública nacional, quando não as emaranhadas questões de política externa!

Pode afirmar-se que não há distinção de classes, ou profissões; de todas elas surge elevado número de representantes. Nem mesmo de idades, ou sexos.

Tanto ouvimos dissertar sobre as vantagens ou inconvenientes de qualquer medida governamental, directamente emanada do poder central, ou, num plano mais baixo e restrito, dos órgãos da administração quer dos concelhos, quer das freguesias, o estudante novato de quinze ou dezasseis anos, como a peixeira, a criada ou a lavadeira, o vendedor ambulante, ou o moço de fretes.

E, dentre esses tantos, há muitos que têm sistemas políticos cuja aplicação traria a felicidade imediata a todos os seus irmãos e faria a inveja de quantos homens têm sobraçado as várias pastas do governo!

Apresenta-se a solução real e palpável dum importante problema que, de longa data, requeria satisfação; decreta-se uma medida do mais alto interesse nacional e que o País vinha reclamando há muito; realizam-se obras materiais do mais avultado custo e projecção no domínio do económico e do social, e é ouvi los, então! . . .

Nem um só deixará de afirmar, na roda dos amigos, que a solução apresentada é errónea, ou deficiente; que aquela medida, por que há tanto o País aspirava, não vem ao encontro dos altos interesses nacionais, antes os contraria e prejudica; e que as obras materiais não passam de fachadas para arregalar os olhos dos campónios.

Culpá-los pelo seu atrevimento, esquecê-los pela sua ignorância, ou procurar abrir-lhes os olhos, fazer-lhes luz nos espíritos, qual o caminho a seguir?

— Talvez haja que seguir três caminhos diversos.

A uns, por ignorantes, mas bem intencionados, que não têm ideias próprias e são obrigados a reproduzir as dos outros para deitarem figura (como pensam), haverá que instruir na ciência ou arte da política, como valores prováveis a servi-la um dia. Da sua grande massa poderá vir a joeirar-se um punhado de homens em condições.

A outros, pertencentes ao grande número dos anteriores, mas, sem o mínimo exigível de aptidões, chamá-los à realidade dos factos e fazer-lhes ver a conveniência da imunização àquela monomania. Dar-lhes o exacto sentido das proporções para que sintam a diferença gigantesca que os separa da possibilidade de politizar.

(Continua na última página)

Subsecretário de Estado do Exército

Na sua aprazível vivenda em Castanheira de Pêra, acompanhado por sua Ex.^{ma} Esposa, encontra-se, em gozo de curtas férias, o Ex.^{mo} Sr. Tenente-Coronel Horácio Sá de Viana Rebelo, ilustre Subsecretário do Estado do Exército.

Os nossos mais respeitosos cumprimentos com os votos de óptima estadia.

Desastre horroroso

Cerca das 10 horas de ontem, deu-se um horrível desastre num poço existente na propriedade conhecida pela «Mocha», pertencente ao Sr. Dr. Joaquim Augusto Figueiredo Cãova.

Ali perderam a vida três homens.

Quando o trabalhador António Silveiro, solteiro, de 37 anos, filho de Ana Bernarda, viúva, morador no lugar do Chavelho, procedia ao trabalho de esgotamento do poço, com o auxílio de um motor, sentiu-se perturbado e pediu para que o içassem. Meteu-se no balde puxado pelo sarilho, mas, ao chegar a meio da altura do poço, perdeu os sentidos e caiu à água.

João Martins Caetano, solteiro, de 20 anos, filho de João Caetano e de Maria Martins, natural das Bairradas, desceu, então, em seu auxílio. Ao chegar ao fundo do poço perdeu, também, as forças e ficou prostrado junto do primeiro.

Em socorro destes dois ocorreu o irmão do Silveiro, o trabalhador Albano Martins Silveiro, de 33 anos, casado com Maria da Graça Pais, do Portelão, que não conseguiu ser mais bem sucedido que os outros.

Os gases libertados pelo motor intoxicaram estes infelizes e, quando chegou o pronto socorro com os Bombeiros de Pombal, já não havia vidas a salvar.

Os cadáveres foram retirados, cerca do meio-dia, pelo trabalhador Augusto Martins, mais conhecido pelo «Viola», que, por cinco vezes, expôs a vida para trazer os corpos para fora do poço.

Os funerais realizaram-se às 13 horas de hoje com grande acompanhamento.

Toda a população sentiu profundamente este desastre, lastimando a sorte dos inditosos trabalhadores e a dolorosa situação das famílias, em especial a do Albano Martins Silveiro que deixa três filhinhos com as idades de 7, 5 e 2 anos.

Rancho Folclórico e de Variedades de Faro

No último domingo recebemos a agradável visita deste simpático agrupamento artístico, já nosso conhecido do ano passado.

Figueiró acorreu em massa ao Rincão do Parque e viu-se, também, muitas pessoas dos concelhos vizinhos.

A sua exibição agradou a todos os espectadores, mesmo os mais exigentes. O conjunto é, na verdade, dos melhores que percorrem o País. Todo o folclore e vivacidade da província do Algarve se nos apresentam num desdobrar atraente de danças típicas e canções castiças.

As marcações são vistosas e a movimentação dos pares faz-se num ritmo intenso, que a nossa vista acompanha, sempre emocionada por vezes, com dificuldade. As partes finais dos apreciadíssimos «corridinhos» requerem um trabalho extenuante a quem os interpreta; mas... à vista dos espectadores é exigido um esforço importante de atenção!

Os dez pares que constituem este típico agrupamento merecem, e bem, a distinção de «exímios bailarinos».

Os amadores farenses Maria Lúcia Jorg, Marta Luciana, Zulmira Jorg e Halácio Dias, do melhor da capital algarvia, são artistas que não envergonhariam os profissionais, se pretendessem apresentar-se como tal.

E que dizer dos três acordeonistas António de Sousa Madeira (Majeirinh), João Bexiga e Valério Rodrigues? — Que dominam os harmónios com uma naturalidade surpreendente, sabendo *arrancar-lhes* os mais melódiosos sons num compasso difícil de manter!

A referência que nos parece mais justa, porém, resumilá-emos em poucas palavras: são artistas consagrados que não recebem confrontos com os melhores executantes portugueses ou estrangeiros.

Dixámos, propositadamente, para o final a nota respeitante ao arranjo artístico deste Grupo Folclórico. O seu director-técnico, Henrique Bernardo Ramos, é conhecido e muito apreciado desde há largos anos. Apesar da sua idade, os seus créditos mantêm-se, se é que não se ampliaram. Têve a gentileza de brindar-nos com o seu «bilhete de visita», dançando um corridinho. E todos os espectadores verificaram que as suas pernas não envelhecem nunca!

A direcção musical é do Maestro e pianista farenses, João Gomes e a direcção do Grupo pertence a Manuel Cardoso, Henrique Bernardo Ramos e Luciano Vegas Cava.

Este colorido espectáculo foi-nos proporcionado pela Co-

Nascimentos

No dia 4 do corrente, deu à luz uma robusta criança do sexo masculino a Sr.^a D. Maria Emília Quaresma Herdade Barreiros, extremosa esposa do nosso amigo e conterrâneo, Sr. José Mendes Barreiros, considerado industrial e armazénista de lanifícios nesta vila.

Também no dia 6 do corrente, no Instituto Maternal em Coimbra, deu à luz uma criança do sexo feminino a Sr.^a D. Maria Irene Ruivo Dimas de Almeida, esposa do Sr. Carlos Mendes de Almeida, distinto funcionário de Finanças em Portel, e sobrinha do nosso estimado amigo e assinante, Sr. Edmundo Heitor Fabre dos Reis, muito zeloso Tesoureiro da Fazenda Pública neste concelho.

Os nossos parabéns aos pais. Até agora tudo tem corrido normalmente, à excepção de certas dificuldades que segundo chegam famílias dos recém nascidos com votos das maiores felicidades.

D. Maria do Carmo Nunes

Proveniente da cidade da Beira, chegou na passada semana a Lisboa, no paquete «Angola», a Sr.^a D. Maria do Carmo Nunes, esposa do importante comerciante e nosso prezado amigo, Sr. José João Nunes.

Vem acompanhar a educação de seus queridos filhos e fixou residência em Altardo, freguesia da Graça.

Os nossos cumprimentos de boas-vindas com o desejo de feliz estadia.

Transcrição

O nosso prezado colega «Beira Litoral», de Coimbra, transcreveu, em seu número 17 de 15 de Agosto findo, o editorial «Figueiró dos Vinhos-Estância de Turismo», da autoria do Director do nosso Jornal.

Muito gratos pela gentileza e, ainda, pelas amáveis palavras que antecedem a transcrição em referência.

missão de figueiroenses José da Conceição Santos, José Guerreiro Machado e Manuel Carlos Cardoso Furtado, que efectuou as necessárias diligências para a vinda do Grupo e organizou a sessão. Sem pretender diminuir o trabalho de qualquer dos elementos da referida Comissão, que se empenhou mais uma vez por levantar bem alto o nome de Figueiró, não podemos, no entanto, deixar de distinguir Manuel Carlos Cardoso Furtado que foi a «alma» e o trabalhador incansável que deu forma à ideia de trazer até nós aquela embaixada artística do Algarve.

Rumores... de Campelo

O passado mês de Agosto foi farto de festividades cristãs em aldeias desta região. No dia 2, teve lugar na Igreja de Campelo, a tradicional festa do *Santíssimo Sacramento*; no dia 9, realizou-se, em Alge, a festa do *Divino Espírito Santo*; e, finalmente, nos dias 29 e 30, também *Nossa Senhora da Boa Viagem* teve os seus festejos na Capela de Peralcovo.

Na verdade, as aldeias aqui espalhadas entre ásperas serranias, e que possuem um *Santuário*, realizam, anualmente, festejos em honra do *Santo* (ou *Santa*) da sua veneração e padroeiro da localidade.

É natural que assim suceda, pois vêm de há milénios as manifestações populares de feição religiosa; e porque se sabe que o homem é um ser instintivamente religioso, e assim vem sendo desde o dobrar dos primeiros séculos da existência humana, talvez não seja arriscado afirmar que afinal, não há Ateu; e que até mesmo os que se dizem sem religião, sem dúvida que são crentes, mas nunca se detiveram a dar por isso, — são religiosos sem o saber.

Como é intuitivo, para toda a *Obra* que está feita, teve de necessariamente existir o *Artista* que a concebeu e realizou. Ela não poderia fazer-se a si mesma e sem que existisse uma causa primária. Ocorre, portanto, fazer uma pergunta. Quem criou o planeta Terra em que vogamos e todos os mundos de corpos celestes que gravitam no espaço?... Não se sabe, ainda. Ah! sabe. Foi, com certeza, um *Ente* superior, supremo, — que se identifica em *Deus*. Assim chamamos ao *Artista* que edificou o Mundo...; é que, outros, outro nome *Lhe* dêem, não importa!... e muito menos aceitamos, como explicação disso, quaisquer teorias materialistas ou mecanicistas.

Aqui, nas serras, distante dos progressos, bem estar e atractivos das cidades, e, ainda por cima, gastos pelos anos e cansados de só ver céu e terra, sente-se mais a necessidade da protecção divina e de um íntimo contacto com o *Criador*. E sente-se de facto este contacto, quando, em contemplação demorada, se olha a beleza e o tom inconfundível do azul celeste de perfeição mais que humana; quando se adivinha e pressente uma força estranha em cada fonte que murmura e riacho ou ribeiro que por entre desfiladeiros se despenha; quando se sente e sabe que palpita vida em cada árvore que frondeja, em cada voz que se ouve, em cada ave que canta; e quando as serras, que ante o olhar se erguem, ou as montanhas que se alevantam, surgem na imaginação dos humanos viventes destas aldeias serranas, como marcos da eternidade a atestar, na Terra, a *omnisciência*, a *omnipotência* e a natureza divina do *Criador*. Mas mais, ainda; nessa prolongada contemplação pressente-se, também, que de todos os motivos da natureza ou cenário que se avista, se vem elevando a uníssona prece e eterna sinfonia de um hino à *Vida*, que parece ouvir-se no silêncio, que se sente, e que, subindo dos vales, vai do cume das montanhas perder-se... nas celestiais alturas!...

É certo que as *festas* não têm, já hoje, o luzimento que tiveram noutras épocas. Mas nem por isso deixou ainda de nelas perdurar um tríplice motivo de sentido familiar, social e religioso — além de que têm, no recuado dos tempos, fundadas e bem cimentadas razões de ser. Arrisca-se, por isso, a afirmação de que, nas aldeias, as *romarias* são mesmo uma necessidade: libertam o aldeão, que não conhece o domingo para descanso, do cultivo e amanho do campo ao menos algumas vezes no decorrer do ano; promovem um maior convívio e relações de amizade e cooperação entre a gente das povoações; servem de pretexto e motivo forte para que pais e filhos se visitem e, de todo, uns e outros, se não esqueçam do torrão natal; são, por certo, anualmente, o divertimento mais animado, grato e recreativo do povo; e, como acto religioso, moralizam o indivíduo e lembram-lhe que, quando se esquece da natureza divina, o homem se transforma em *Besta-fera* e por seus actos e atitudes se avilta e põe de rastos a própria dignidade humana. Por tudo que fica dito, e pelo muito que a este respeito ainda poderíamos dizer, é preciso, pois, imprimir às *festas* o seu antigo esplendor ou, ao menos, algum do antigo colorido de alegria que tiveram noutros tempos.

Ora, talvez com prejuízo da própria expansão do sentimento religioso, vem-se limitando ou quase reduzindo apenas a solenidades religiosas, as festividades que, desde há séculos, o povo se habituara a celebrar também com arraial, logo e balões. Exceptuando o serviço do *Culto*, não satisfaz a forma como vêm sendo organizadas as *festas*, pois elas não têm, assim, qualquer atractivo para os mais jovens e moços, que, com a nota alegre e garrida da sua presença, jovialidade e bom-humor no arraial, mas devota comparência nas solenidades, são quem faz a festa e, pode dizer-se, a própria festa...

O facto do povo gostar de música, de bailar e cantar e de fogo rijo e balões, não o levará, certamente, a ser menos crente e cristão, se for convictamente religioso; e nem isso significa que se esqueça de, em piedoso recolhimento, elevar o pensamento na igreja ou capela do povoado, que guarda silenciosamente as inúmeras súplicas e preces das gerações que junto dela oraram.

Quem, como nós, há uns vinte anos atrás, assistiu e tomou parte nas *festas* destas aldeias, que se inundavam de devotos forasteiros e em que havia profundo sentido religioso, mas também arraial, muita animação musical e fogo preso, e assiste hoje às que se realizam, sente saudades desses tempos, pois causa pena e conflagra ver agora tomar parte nas *festas* e incorporar-se na procissão pouco mais gente do que a da própria localidade. Mal é dificuldades da época, originadas pela incessante transformação, que é a vida, talvez. Mas, apesar do mal destes tempos, as *romarias* ainda são bastante concorridas, quando organizadas de molde a atender a toda a sua finalidade por mordomos capazes que, sem esquecerem o elevado significado delas, sabem ainda cuidar do arraial e proporcionar satisfação e contentamento aos devotos e forasteiros.

(Continua na 4.ª página)

FALECEU

O Rev.º Padre Manuel Gaspar

Fomos dolorosamente surpreendidos pela notícia do falecimento do nosso querido amigo, Rev.º Padre Manuel Mendes Gaspar, Arcipreste das Cinco Vilas (Chão de Couce).

O saudoso extinto nascera em Pereiro, da freguesia de Pousaflores concelho de Ansião, em Novembro de 1864 e faleceu em Chão de Couce, no dia 28 de Agosto último, com a idade de 88 anos.

Frequentou o Seminário de Coimbra e, logo que se ordenou, tomou posse, como pároco, da freguesia de Chão de Couce, em 1887, donde não mais saiu.

Mais tarde, quando do estabelecimento dos Arciprestados de Ansião e das Cinco Vilas, foi nomeado arcipreste deste último, funções que desempenhou até ao fim dos seus dias.

Foi presidente da Câmara Municipal de Ansião, durante alguns anos, no período da Monarquia.

Empenhou-se, profundamente, na construção da Igreja Matriz de Chão de Couce. Durante uma das reuniões que, com frequência se realizavam em sua casa, e na qual tomavam parte várias individualidades, entre elas Mestre Malhoa, este artista comprometeu-se a fazer um quadro para a mesma. É o belo retábulo da nova igreja. O Mestre cumpriu.

Tomou sempre muito interesse pelos assuntos referentes à vida da sua freguesia, assim como do concelho.

A sua casa foi sempre um verdadeiro cenáculo, onde se reuniam e por onde passavam os valores desta região e notáveis vultos estrangeiros, que o visitavam e eram atraídos pelo seu fino trato e convívio cativante e distinto.

O funeral realizou-se no dia 29 e foi extraordinariamente concorrido. Sua Ex.ª Rev.ª Sr. Arcebispo-Conde de Coimbra fez-se representar pelo Rev.º Manuel Carvalho Cardoso e viam-se centenas de pessoas das mais representativas da região de Coimbra e de todos os concelhos vizinhos.

Incorporaram-se os Rev.ºs Padres: Ricardo Gonçalves e Manuel Gaspar Furtado, Párocos de Chão de Couce; Carlos Barata, Arcipreste de Ansião; Gabriel Duarte Martins, Pároco de Santiago da Guarda; António Melo, Pároco de Pousaflores; José Paiva, Pároco de Avelar e Aguda; Jaime Marques, Pároco de Alvorge; Adriano Simões Santo, Pároco de Vila Verde; Manuel Salignho, Pároco de Maças de D. Maria; Manuel Antunes, Pároco de Alvaiázere; Manuel de Sousa Ribeiro, Pároco do Espinhal; José da Costa Saraiva, Pároco de Figueiró dos Vinhos; Manuel Caetano, Coadjutor de Santago da Guarda; José Ferreira de Lacerda, Pároco de Milagres (Leiria) e Cruz Dinis, Pároco de Santo António dos Olivais (Coimbra). E o seminarista Alfredo Rodrigues.

Entre muitas outras pessoas, anotamos a presença dos Srs. Dr. Furtado dos Santos, Adjunto do Procurador Geral da República; Dr. António Pinto, Meritíssimo Juiz; Dr. Menezes Falcão, Delegado do Procurador da República em Tomar; Dr. Adriano Rego, de Ansião; Dr. José Manuel Almeida, de Alvorge, Ansião; Dr. Ernesto Lacerda, Deputado e proprietário do nosso Jornal; Dr. Manuel Freire, de Alvaiázere; Drs. José Emídio Medeiros e Manuel Medeiros, de Avelar; Drs. João Pais e João Quintela, de Chão de Couce; Elísio de Oliveira, e Augusto de Sá presidente e vice-presidente da Câmara de Ansião, respectivamente; Dr. Arménio Cardoso; Professores Manuel da Silva, de Pe-

Respigando...

(Para os meus alunos)

Cá estou a responder ao artigo do Senhor José Manuel acerca da grafia do nome das povoações Fontão Cimeiro e Fontão Fundeiro, em recurso interposto pelo mesmo senhor neste Tribunal Colectivo — *Juízo dos leitores* ou Opinião Pública.

Obtida a autorização para advogar em causa própria, cumpri o gratíssimo dever de dirigir as minhas mais respeitadas saudações aos meritíssimos Juizes e cumprimento, também, o meu muito ilustre antagonista e patricio.

Senhores Juizes: Em primeiro lugar eu não posso deixar de estranhar que o recorrente se convencesse de que este tribunal, o Juízo dos leitores, ou a Opinião Pública, é diferente daquele em que temos pleiteado. Ou não serão os periódicos, onde temos expostas as nossas ideias, as salas do tribunal e Juiz os leitores desses jornais, ou a Opinião Pública?

A palavra *apelar* traz-nos à mente a ideia de recurso para um tribunal de estância superior. Ora o tribunal em que estamos é o mesmo em que temos estado e os Juizes os mesmos são: a Opinião Pública.

Logo o termo *apelar* parece-nos não ter neste caso cabimento. Foi um equívoco do senhor José Manuel.

— Não interessa à *causa*, que vim discutir, a razão por que o Senhor José Manuel não leu o meu *Respigando*, mas a sua justificação é dum pura infantilidade ao a firmar que o não leu, senão tarde, por logo ter compreendido que esses escritos se destinavam *exclusivamente* aos meus discípulos, «conforme se infere da indicação para os meus alunos, que consta em parêntese» — mas que se não justifica no último daqueles artigos «em que o respigado é, afinal, para nós!».

Há aqui, venerandos Juizes, um duplo equívoco.

Pois, quem haverá aí, dotado de bom senso e de boa fé, que veja no subtítulo do meu *Respigando* alguma coisa que indique exclusivismo, isto é, indique que é só para os meus alunos e obste a quem quer que seja que o leia?

O que pode concluir-se do subtítulo é que eu escrevo especialmente para os meus alunos e, por isso, ao criticar as afirmações do senhor José Manuel, ainda se justifica o parêntese *Para os meus alunos*, pois é, *especialmente*, (não exclusivamente) a eles que desejo ensinar a escrever Fontão Cimeiro e Fontão Fundeiro.

— O senhor José Manuel foi infeliz na escolha da palavra *ministro* que se pronuncia *menistro*, porque este vocábulo serve-me, à maravilha, para a minha causa, argumentando assim:

Se nós, apesar de pronunciarmos *menistro*, devemos es-

crever *ministro*, pois aquela grafia seria errónea, também analogicamente os nomes de Fontão Cimeiro e Fundeiro, apesar de na linguagem vulgar se pronunciar Funtão, se devem escrever com *o*, pelas razões apontadas noutro artigo, e que, até agora, ainda não foram refutadas.

— A certa altura da sua exposição, diz o senhor José Manuel: «Assim, por exemplo, em virtude de elisão, por aférese, Eleonor deu Leonor. Entendido não é verdade.» Neste período há mais outro equívoco, senhores Juizes, como vamos ver: Na frase — *por aférese* — a preposição *por*, creio que deve exercer uma destas duas funções: *meio ou instrumento* ou *causa*.

Ora não pode exprimir o *meio ou instrumento*, porque o senhor José Manuel, com certa certeza não quis comparar a aférese com uma turquesa com que se arranquem as letras no princípio dum palavra, semelhante àquela com que o sapateiro arranca alguns pedaços dos já estafados sapatos. Isso não acreditamos.

Então quereria indicar a causa, senhores Juizes! Mas indicar a causa de um determinado fenómeno, nomeando-o por um nome helénico, daqueles que a gente mal diz, como escreveu um poeta nosso, é não explicar nada. Por isso, não está entendido, por não ser verdade, que a primeira letra de Eleonor caísse, por aférese.

O nosso inteligente antagonista continua assim: «Ora se o nosso muito ilustre comentador não diz mais nada, fechamos o livro, que é como quem diz a gramática — visto não ser preciso consultá-la.»

Um período bem arredondado, na verdade; mas eu lastimo ter de dizer, senhores Juizes, que pena foi que o meu ilustre antagonista não tivesse a gramática aberta por mais tempo porque, pensando mais um pouco, não teria caído naquela aférese, nem teria dado o pontapé que, com a pressa de fechar o tal livro, a gramática, deu na sintaxe, ao escrever mais adiante... «nem é de admitir que sem uma causa comum ou objecto à vista — como as pontes, etc., os habitantes pensarem, apesar de separados por grandes distâncias, todos da mesma maneira»...

Creio, senhores Juizes, que a sintaxe portuguesa exige que se faça a correcção para *pensassem*.

Talvez, porém, não fosse a pressa (tal ignorância não admito eu no meu muito ilustre e inteligente antagonista), mas sim as indesejáveis grialhas, que são os inimigos comuns de quem escreve para a imprensa.

Não sei. O que está lá deve ser emendado por ser erro.

Mais adiante, no n.º 3.º do seu bem elaborado recurso, diz o ilustre adversário que «já sabia que as consoantes iniciais latinas se mantêm, geralmente. Disse bem a regra, esqueceu-se, porém, das excepções... à regra!»... «O P, como consoante inicial não poderia dar F, bem o sabemos».

É simplesmente estupenda e audaciosa esta afirmação, senhores Juizes, se considerarmos que o ilustrado recorrente, no seu primeiro artigo sobre este assunto, inserto no periódico

(Continua na página seguinte)

Cerâmica de Figueiró dos Vinhos, L.^{da}

Almofala de Baixo — Figueiró dos Vinhos

Telefone 29/3 (AVELAR)

FABRICAÇÃO ESMERADA

— DE —

Tijolo furado, de várias medidas, prensado e maciço

Telha: Marselha, Lusa e de Canudo

Beirados

PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

AGENTE
E DEPOSITÁRIO

NOS CONCELHOS DE:

Figueiró dos Vinhos — Pedrógão

Grande — Castanheira de Pêra

e Ansião

Cimento «LIZ»

Cal Hidráulica MARTINGANÇA

Cimento branco «CIBRA»

Aníbal Silveira Herdade

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

TELEFONE 43

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ÓLEOS VEEDOL

Tinta para pintar paredes MURÁGUA

Materiais sanitários e seus pertences

Tubo de ferro galvanizado, grés, fibrocimento

Ferro para cimento armado, pregaria, estafe,

Gesso - Carbonil - Tintas e vernizes

TELHA

TIJOLO

ADUBOS

Joaquim Alves Tomaz Morgado

ADVOGADO

Telef. 7

Figueiró dos Vinhos

Henrique Lacerda

ADVOGADO

Castanheira de Pêra
Telefone 60Figueiró dos Vinhos
Telefone 41

Manuel Arrobo Correia

MÉDICO VETERINÁRIO

Telefone 65

Figueiró dos Vinhos

Joaquim J. Fernandes

MÉDICO MUNICIPAL
RAIOS X — ELECTRICIDADE MÉDICA
CLÍNICA GERAL

Telefone 38

Figueiró dos Vinhos

Quaresma Ferreira

Advogado

Telef. 58

Figueiró dos Vinhos

**« Quem Passa Por Figueiró
Não Dispensa O Pão De Ló... »**

mas os que por cá não passam, também não se dispensam de fazer os seus pedidos desta apreciada especialidade regional à FABRICA DE SANTO ANTÓNIO DOS MILAGRES.

E todos sabem que um simples postal ou telefonema para o n.º 50 da rede de FIGUEIRÓ DOS VINHOS é o bastante para imediata remessa de PÃO DE LÓ, pelo correio ou camionetas de carreira.

O GUSTAVO, em Figueiró, continua na VANGUARDA, apresentando o seu colossal sortido em tecidos de ALGODÃO, os melhores e mais variados artigos de enxoval para baptizados e casamentos, chapetaria das reputadas marcas «AGUIA», «GUERREIRO» e «JOANINO».

SEMPRE NOVIDADES

O único estabelecimento com preços FIXOS

GUSTAVO COELHO GODET
FIGUEIRÓ DOS VINHOS — Telef. n.º 16

É sempre bem servido quem entrega o seu carro aos cuidados da

Auto-Mecânica de Figueiró dos Vinhos, L.^{da}Rua Major Neutel de Abreu (ao Barreiro)
Telefone n.º 57

Porque, além de dispor de instalações modelares e modernos maquinismos, possui pessoal habilitado para todas as reparações.

PNEUS DUNLOP, FIRESTONE E MICHELIN
Estação de Serviço «VACUUM» Gasolina e Óleos**RESPIGANDO...**

«A Regeneração», de 15 de Junho do ano corrente, diz que «o nome primitivo destas povoações teria sido Pontão Cimeiro e Pontão Fundeiro, e depois Fontão devido à troca de consoante inicial».

Portanto, senhores Juizes, vê-se que admitia a possibilidade da troca do P por F e não foi capaz de apontar um exemplo dela, limitando-se a dizer que é fácil de encontrá-la num bom Dicionário Latino-português. Isto é uma verdadeira puerilidade de quem não está acostumado a estes assuntos.

Eu, senhores Juizes, não me esqueci das excepções à regra que tem sido formulada pelos mestres, pois toda a regra tem excepções, como soe dizer-se. Mas à parte contrária é que incumbia provar que no nosso caso existia excepção à regra e explicar as razões que levaram à troca do P por F, o que não fez.

Chamo, senhores Juizes, a vossa esclarecida atenção para esta afirmação contraditória: no primeiro artigo admite-se a possibilidade, no segundo vem a opposição declarar que já sabia que o P, como consoante inicial latina, não poderia dar F! É claro que há aqui mais um «equivoco ou falta de certeza certa».

E o meu muito apreciado opositor continua, em discurso directo, perguntando-me se quero exemplos das fugas à regra e troca de consoantes iniciais, e escreve: *catu deu gato, laxare deu deixar*.

Primeiramente devo observar que a grafia *catu* é errónea, pois deve escrever-se, como latim que é, com *t* duplo, e V. Ex.^{as}, senhores Juizes, sabem muito bem porque insisto nesta grafia, mas perdoai-me, é que, se a palavra existisse no latim com *t* simples, a palavra resultante em português nunca seria *gato*, mas sim *gado*, pois dar-se-ia a sonorização, como é de regra. A não ser que a opposição queira provar que estamos em face de uma excepção. Será?

Mas, senhores Juizes, Vós, que tendes melhores conhecimentos dos fenómenos fonéticos e suas causas, sabeis, com «certeza certa», que notáveis filólogos são de opinião que a transformação da consoante inicial *c* da palavra *cattu*, como a de *camella*, que deu *gamela*, e mais, ascende já ao latim vulgar, por se encontrarem em outras línguas românicas. Isto quer dizer que já no latim vulgar existia a palavra *gattu* e, portanto, não é excepção à regra, como opinou o nosso adversário.

Com referência ao outro exemplo, *laxare* deu *deixar*, também sou a opor ao senhor José Manuel que não é, como disse, mas creio, com bons mestres, que *laxare* deu o antigo verbo *leixar*, usado na nossa língua até, pelo menos ao século XVI, vindo depois a ser substituído por *deixar*, que deve ter vindo de um composto do latino *laxare-de-laxare*, e este perdeu o *l*, mas por este fonema ser simples e intervocálico.

E, agora, já a opinião pública está a ver que o senhor José Manuel foi infeliz na escolha dos vocábulos — *gato* e *deixare*.

Caíu a opposição em mais estes «equivocos», para lhes não chamar outra coisa, não por sua vontade, mas sim pela sua manifesta incompetência nestes assuntos, como creio ter demons-

trado e V. Ex.^{as}, senhores Juizes, julgarão.

Não quero terminar sem agradecer à opposição a indicação do Dicionário — Portugal — que vi e onde se encontram *Funta*, que nada tem com a nossa causa, e *Funtão* de Baixo e *Funtão* de Cima, povoações da freguesia de Cabeça Santa, concelho de Penafiel, distrito do Porto, que também aparecem escritas com o *Fontão*, mas, a respeito do nome das povoações em questão, o que se encontra no referido Dicionário é o seguinte: *Fontão Cimeiro* e *Fontão Fundeiro*, povoações da freguesia de Nossa Senhora da Graça de Campelo, concelho de Figueiró dos Vinhos, nome grafado com *o*; mas com *u* é que lá se não encontra o nome das mencionadas povoações.

Também desejamos elucidar que «A Regeneração», não só no número em que a opposição lhe apresentou o seu recurso, mas em todos os seus números traz o nome em questão com o — *Fontão Fundeiro*. O mesmo acontece com outra publicação periódica — Guia Oficial dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Agora, senhores Juizes, ponho de parte os períodos em que a opposição *fala de topona, tunda, catadrático sem cátedra, salpicos e isenção*, que são franjas, não sei, algumas, a que propósito vêm, não quero deixar, sem reparo, o que diz na segunda parte do n.º 4 do seu bem elaborado recurso: «*Quanto a Leite de Vasconcelos preferimos, sem dúvida, as lições deste clássico e doutros mestres da Língua, às considerações que agradam, mas que não são verdadeiramente científicas*».

Vós, senhores Juizes, sabeis muito bem que nem todas as afirmações dos mestres da Língua são científicas, mas algumas são meros contributos para a aquisição da verdade.

Estou inteiramente de acordo com a preferência da opposição, porque eu, também, se tivesse de receber lições de Finanças ou Economia Política, por exemplo, preferia as lições de qualquer mestre meu como o foram os Doutores Marnoco e Sousa e Salazar, às do antagonista ou de um José Manuel qualquer.

Isto, porém, não impede que eu aceite o abraço do meu illustre adversário, não como desportista e grande Espírito, pois não sou nenhuma destas coisas; mas como seu patricio, e seja quando quiser.

Por tudo o que fica dito e o mais que dos autos consta, creio que os senhores Juizes não darão provimento ao recurso interposto, e eu continuarei a ensinar a escrever — *Fontão Cimeiro* e *Fontão Fundeiro* —, considerando como erro a grafia *Funtão*, assim como considero erro menistro, embora assim se pronuncie.

E ponto final na questão que o proprietário do periódico onde escrevo não quer que estrague mais papel.

Sérgio dos Reis.

Fonte de Aldeia de Ana de Aviz

Com vista ao reforço do caudal, a Câmara do nosso concelho de ibrou, por unanimidade, mandar proceder a trabalhos de perfuração nas indicações do v.º de água que abastece a fonte de Aldeia de Ana de Aviz.

Subscrição da Misericórdia

Este título, a que os nossos estimados leitores, certamente, se habituaram já, é para nós como que o brasão mais honroso de quantos pudésemos vir a usufruir.

Não pelos méritos próprios do nosso modesto jornal.

Não pelo trabalho de angariação e colheita das ofertas já entradas na Santa Casa da Misericórdia e de tantas outras que prevemos, ainda. Não!

Não pretendemos enfeitar-nos com os louros alheios. O seu a seu dono. E, neste particular, os louros há que reparti-los, como é de justiça, pelos generosos benfeitores que deram o seu imediato aplauso à iniciativa da Misericórdia e aos dedicados elementos da Mesa da Santa Casa, que não se têm poupado a esforços e canseiras.

O brasão de que muito nos orgulhamos e serve de título a este tão grande, como simpático, movimento de solidariedade que estamos vivendo, dia a dia mais belo, mais rico e, por isso mesmo, mais querido, é, afinal, o brasão que a todos reúne, sem distinção de classes e haveres, na senda do bem-fazer. É o brasão da solidariedade!

Hoje é altura de pôr mais uma pedra nessa grandiosa obra em curso.

Os nossos conterrâneos que lutam e mourejam na província de Moçambique quiseram associar-se, também, como já o fizeram outros ligueiros espalhados pelo Ultramar Português.

A contribuição total de cinco mil e quinze escudos de que hoje damos nota deve-se à acção benemerente do nosso estimado amigo, Sr. José João Nunes, considerado comerciante na Beira, que tratou da angariação e recolha de donativos, e à generosidade dos amigos que passamos a indicar:

José João Nunes	(Beira)	250\$00
António Nunes Morais	(Fundão)	100\$00
António Joaquim	(Gondola)	20\$00
Carlos da Silva Feitor	(Vila Manica)	500\$00
Augusto da Silva Rocha	(Gondola)	100\$00
José da C. Sousa		100\$00
P. K.	(Gondola)	100\$00
M. da S. Furtado		100\$00
M. Guerra		100\$00
José G. Nunes da Conceição		100\$00
Joaquim dos Santos Costa	(Beira)	100\$00
António Mateus Muralha		100\$00
Augusto César Teixeira		100\$00
José Maria Mendes		100\$00
Ivo Araújo de Lacerda		100\$00
António Ribeiro		50\$00
Eurico Mesquita		100\$00
Ricardo Mesquita		100\$00
Manuel da Silva Graça		50\$00
A. Oliveira		50\$00
João d' Oliveira Marques		100\$00
Adelino da Conceição Martins		100\$00
Manuel Ferreira da Costa		100\$00
José Ferreira — A. A. Avis		100\$00
Ana Cecília de Jesus Loja		50\$00
Maria Odete Neves Moreira		50\$00
Manuel Antunes de Carvalho		50\$00
Etelvino Coelho David	(Vandula)	60\$00
José Francisco da Silva		100\$00
Francisco Correia Barroso		20\$00
Joaquim Augusto	(Beira)	30\$00
Manuel de Sousa Dias		50\$00
Portirio Mendes		20\$00
José dos Santos		20\$00
Joaquim Carvalho		15\$00
Maria da Piedade Carvalho		50\$00
A. M. Antunes		50\$00
António de Freitas		30\$00
Dulce da Conceição Bastos		20\$00
Albano Nunes		150\$00
Marino Mandino		20\$00
David Rodrigues da Conceição		100\$00
Júlio Coelho		10\$00
Moisés Nunes	(Beira)	50\$00
Luciano Quaresma Nunes		50\$00
Avelino da Fonseca		50\$00
J. S. A.		20\$00
Augusto Germano Silva		50\$00
Manuel Pinto Raimundo		50\$00
Rogério Pinto Raimundo		100\$00
José Augusto Pereira Quintão		50\$00
Manuel Joaquim dos Santos		100\$00
Carlos Silva Dias		50\$00
Adelino Lapa Graça		50\$00
Raul de Assunção — Fig. dos Vinhos		100\$00
José Godinho de Jesus		100\$00
Adelino de Oliveira Canário		200\$00
Adelino Napoleão		200\$00
Soma		5 015\$00
Transporte do N.º anterior		110 000\$00
A transportar		115 015\$00

A todos estes benfeitores, em nome da Mesa da Santa Casa da Misericórdia, aqui deixamos expressos os melhores agradecimentos, com uma especial palavra de gratidão para o Sr. José João Nunes.

Pedrogão Grande

Caminho Municipal

Na Secretaria da Câmara Municipal foi celebrado, no dia 26 de Agosto último, contrato de arrematação da empreitada de construção do caminho municipal do Pinheiro do Bordado (E. N. n.º 350) à Ponte da Bairrada (E. N. n.º 237), passando pela freguesia da Graça-3.ª fase — Terraplenagem e obras do troço entre perfis 267 e 343 na extensão de 1.358 metros, pela quantia de 76 350\$00.

Foram adjudicatários os senhores Manuel Dias Barata e António Pereira Biqueira, residentes em Alcains, do concelho de Castelo Branco. A Câmara tem demonstrado grande interesse na execução desta obra, não só por servir algumas das maiores povoações da freguesia da Graça, como também por facilitar o acesso à Barragem da Bouçã pela E. N. n.º 350 na sua concordância no Pinheiro do Bordado.

Largo da Devesa

Temos conhecimento de que o Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal se deslocou a Lisboa, no sentido de conseguir, das instâncias superiores, a comparticipação do Estado para o ajardinamento, arborização e iluminação do Largo da Devesa. Oxalá que os seus esforços sejam coroados de êxito, não só porque o Largo da Devesa, pela sua dimensão e tradições, bem merece deixar o aspecto de aridez e abandono em que se encontra, como também porque o seu ajardinamento e arranjo representam uma velha aspiração da população da vila de Pedrogão Grande, que não dispõe de qualquer local ajardinado, ou parque para passeio, ou lugar de recreio e repouso.

Casamento

No dia 5 do corrente realizou-se o casamento da menina Helena Marques Serra, gentil filha do Senhor Abílio Serra e da Senhora Maria da Piedade Marques, com o Senhor Joaquim Fernandes da Silva, filho do Sr. António Dias da Silva e da Senhora Maria d' Assunção, residentes em Pedrogão Grande.

Política e politiquice

(Continuação da 1.ª página)

Quanto aos restantes, não haverá processo mais radical para os combater e exterminar, no campo que vimos tratando, do que continuar opondo sempre à sua *politiquice*, momentânea ou já crónica, as armas actuais da política nacional: *nã prometer - realizar; mais e melhor; tudo pela Nação, nada contra a Nação.*

Estamos certos de que, assim, num futuro próximo, será muitíssimo menor o número dos politico-manifacos, mas, em compensação, o País contará incomparavelmente mais políticos do que hoje.

A politiquice acabará por ceder, a bem da política.

A. Paula Santos

Escola Secundária

Desde o dia 15 até ao dia 28 do corrente mês efectuar-se-ão as matrículas nesta Escola. Os alunos do 1.º e 3.º anos deverão apresentar três fotografias.

Para mais esclarecimentos dirigir ao Director da Escola consulta vocal ou por escrito.

Os homens e o carácter

Tão distantes estamos já dos tempos em que, à plena luz do Sol, era precisa a luz dum lanterninha para encontrar um Homem que, — parece-nos —, até o emprego de certas expressões relacionadas com os homens e seu carácter perdessem o verdadeiro sentido, ou, pelo menos, andam muito abastardadas.

Hoje em dia, o carácter de um homem afere-se, talvez, por bitola diferente da empregada naqueles tempos distantes. Ou então, a expressão foi caindo, pouco a pouco, na rotina das frases feitas, mas feitas a golpes de podão...

Anda por aí, de boca em boca, como qualquer cantiga popular entrada nos ouvidos à força de ser cantada nos teatros e na rádio!

E, claro, como as cantigas, aquela expressão «um homem de carácter» vai sendo cantada pela população. Perdeu aquela elevação que tinha — tão grande que raríssimas vezes, infelizmente, era usada — e passou a andar de braço dado, ao sabor das gentes, pelas ruas e esquinas, com todos aqueles que a quem assobiar ou cantar.

Tempo virá em que a sua popularidade estonteante, do momento, caia na vulgaridade, depois da indiferença no esquecimento.

Mas... até lá?

Dir-se-á que não virá daqui o mal ao Mundo.

Dizemos que não, se não houvesse, ainda, homens de carácter!

E o que vem a ser um homem de carácter?

— Julgamos que é aquele que reúne certo número de virtudes que o impõem à sociedade como vivo exemplo a seguir, um homem bom, honesto e justo.

É evidente que um homem de carácter nunca poderá ser aquele que se acoberta na sombra para prejudicar o seu semelhante; porque deve ser um homem bom e a bondade não ligou nunca com a velhacaria.

Não rouba, porque um homem de carácter é sempre honesto.

Não desdenha, nem se elogia, porque, sendo justo, odeia a adulação, como combate tudo o que seja amesquinhar o próximo.

Quem procede em desacordo com estas bases — que julgamos imprescindíveis ao rigor de emprego da expressão —, embora seja homem, não poderá, nunca, ser considerado um «homem de carácter».

Caso contrário, misturam-se os alhos com os bugalhos e, às tantas, ninguém se entende.

Ora aqui é que está o mal para o Mundo.

Essa onda de uso e abuso dos nossos dias tende a perverter tudo quanto de bom e generoso encerra, ainda, a alma do homem.

E, a aceitarmos esta expressão como boa em todos os milhentos casos que se nos d'param, não viria longe o dia em que o insano trabalho de tantas gerações seria, irremediavelmente, condenado ao esquecimento e ficaria perdido todos os incentivos e anseios postos na educação da humanidade.

Há, pois, que repor as coisas no seu justo lugar, para bem do tos e verdadeiro prestígio dos verdadeiros homens de carácter.

C. C.

FALECIMENTO RUMORES... DE CAMPELO

(Continuação da 2.ª página)

Nestes sitios, as únicas festas que, em nossa opinião e aparte o serviço religioso, ainda este ano se revestiram de algum brilho das antigas, e não tiveram simplesmente o aspecto de um dia domingueiro, foram a de *Peralcovo* (esta sempre das melhores) e a de *Nossa Senhora da Graça*, em Campelo. Ora, para que isso continue a verificar-se nestas e assim em todas venha a ser, chamem-se sempre modos-mos briosos e deixe-se também pelo País fora *cantar e bailar o povo nas festas e romarias*; desta e outras formas se devolve á, por certo, o vigor religioso, a beleza, a graça e o interesse popular a tão tradicionais festividades antigas.

Algures, Setembro de 1953.
Josecampo de Matos

Estrada de Valbom

Recomeçaram os trabalhos de abertura desta estrada, que vem substituir a que ficou coberta pelas águas da albufeira do Castelo de Bode.

industrial em Castanheira de Pera.

A família enlutada envia «O Norte do Distrito» o seu cartão de profundo pesar.